

O PERFIL DO DOCENTE DA ESCOLA AGRÍCOLA DE RIO CLARO (SP) E A ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DO CAMPO¹

TEACHER'S PROFILE OF ESCOLA AGRÍCOLA DE RIO CLARO (SP)
AND SPATIAL ORGANIZATION IN RURAL

PERFIL DEL PROFESOR DE LA ESCUELA AGRÍCOLA DE RIO CLARO (SP)
Y LA ORGANIZACIÓN ESPACIAL DEL CAMPO

Silas Nogueira de Melo - Universidade Estadual de Campinas - Campinas - São Paulo - Brasil
silasmelo@ige.unicamp.br

Resumo

Este artigo tem como objetivo traçar o perfil dos professores da Escola Agrícola de Rio Claro (SP), situando-os no contexto nacional, com o intuito de compreender a organização espacial da zona rural do município. Como procedimentos metodológicos, foram aplicados questionários aos docentes da unidade escolar e, depois, analisados tanto para uma comparação com os professores brasileiros – através dos dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) – quanto para a captura das representações sociais e práticas docentes dos professores da escola agrícola pesquisada. Nas considerações finais, é discutido o papel do professor na educação voltada aos alunos residentes no campo de municípios muito urbanizados.

Palavras-chave: docente, organização espacial, escola agrícola, Rio Claro.

Abstract

This article aims to outline the profile of teachers of Escola Agrícola de Rio Claro (SP) placing them in the national context, in order to understand the spatial organization rural of the municipality. As methodological procedure, are used questionnaires to teachers of the school unit that were analyzed both for a comparison with Brazilian teachers, using data from the Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), as well as to understand the social representations and teaching practices of the teachers agricultural school. In the end we discussed the role of teacher in education of students residing in the camp very urbanized municipalities.

Key words: teacher, spatial organization, agricultural school, Rio Claro.

Resumen

Este artículo tiene como objetivo trazar el perfil de los profesores de la Escuela Agrícola de Rio Claro (SP) colocándolos en el contexto nacional, con el fin de comprender la organización espacial rural del municipio. Como procedimiento metodológico se realizaron cuestionarios a profesores de la unidad escolar los cuales se analizaron tanto para la comparación con los maestros brasileños con datos del Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), así como para captar las representaciones sociales y las prácticas pedagógicas de los docentes de la escuela agrícola. Al final se discutió el papel de la formación docente dirigido a estudiantes que viven en el campo de municipios muy urbanizados.

Palabras clave: profesor, organización espacial, escuela agrícola, Rio Claro.

Introdução

O docente, como responsável pelo processo de formação dos indivíduos, ganha relevância em contextos específicos, a exemplo das zonas

rurais, onde emerge o desafio da educação formal dos alunos residentes em um campo cada vez mais urbanizado. Será que, atualmente, o Brasil tem se preocupado com a formação do homem do campo? Os professores estão preparados para lecionar em escolas localizadas nas zonas rurais? A organização espacial do campo, independentemente da escala, é influenciada pelas práticas docentes oferecidas por escolas da zona rural?

O objetivo do presente trabalho é traçar o perfil dos professores da Escola Agrícola de Rio Claro (SP), situando-os no contexto nacional, com o intuito de compreender a organização espacial da zona rural do município. Os professores influenciam essa organização espacial especialmente porque, por meio de seus ensinamentos, propiciam aos discentes condições de reprodução social, sobretudo em um futuro próximo, quando serão jovens e adultos.

A partir desta introdução, o texto está dividido em quatro partes. Primeiramente apontamos o caminho teórico geográfico, evidenciando o conceito de organização espacial. Posteriormente trabalhamos com o conceito de professor/docente e sua prática no campo. O terceiro ponto é constituído das evidências empíricas, em que há três subdivisões: a caracterização da Escola Agrícola de Rio Claro (SP); a contextualização dos docentes dessa escola no cenário dos professores brasileiros, através de dados do INEP; e a tentativa de capturar as representações sociais e práticas docentes dos professores da unidade escolar agrícola com base na análise de questionários. Por fim, apresentamos as considerações finais tentando sintetizar todas as seções do trabalho.

Referencial geográfico: organização espacial

Segundo Corrêa (2000, p. 52), “o objeto da geografia é a sociedade”, mas a objetivação do estudo “faz-se através de sua organização espacial”. Ou seja, existe uma lógica de ordenamento espacial dos fenômenos sociais e naturais² e cabe ao geógrafo desvendar essa lógica.

Para Gomes (2009, p. 25), é através do ordenamento espacial

que denominamos a ideia de que há um arranjo físico das coisas, pessoas e fenômenos que é orientado seguindo um plano de dispersão sobre o espaço. Há coerências, lógicas, razões que presidem essa distribuição. Há uma trama locacional que é parte essencial de alguns fenômenos. A análise dessa trama locacional é a especi-

ficidade da ciência geográfica. Ela é relevante, pois o ordenamento espacial de alguns fenômenos lhe é essencial.

Nesse sentido, compreendemos a organização espacial ou organização do espaço como o conceito que nos permite explicar de forma lógica o ordenamento dos fenômenos. Para Corrêa (2011, p. 7), a organização espacial é

o conjunto de formas (campos, fábricas, caminhos, casas etc.) e interações envolvendo pessoas, mercadorias, informação e capital, dispostos espacialmente. As formas e interações espaciais respondem a uma lógica que as tornam funcionais à sociedade que vive nessa organização espacial.

Ainda segundo o autor, a expressão organização espacial possui “vários sinônimos: estrutura territorial, configuração espacial, formação espacial, arranjo espacial, espaço geográfico, espaço social ou, simplesmente, espaço” (p. 54). Assim, no decorrer do artigo, podemos falar sobre a mesma coisa, mas com expressões diferentes.

Para compreender a organização espacial da zona rural do município de Rio Claro (SP), a partir da Escola Agrícola, fizemos uma pesquisa com os seus docentes, pois, de acordo com Silva, Morais e Bof (2006, p. 58), acreditamos que o “fator escolar mais importante para a progressão e o aprendizado dos alunos é o professor”. Logo, esse aprendizado subsidia a reprodução social dos discentes, assim como ordena o espaço nesse processo de reprodução.

O professor e a prática docente no campo

De acordo com a Sinopse Estatística da Educação Básica (INEP, 2011), até o dia 25/5/2011 havia 2.045.350 professores na educação básica, ou seja, sujeitos que estavam em efetiva regência de classe no Brasil. Essas pessoas são responsáveis pela educação formal de 50.972.619 alunos matriculados na educação básica – infantil, fundamental, ensino médio, profissional, especial e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Nesse sentido, o professor ganha evidência não apenas pela importância profissional numérica no Brasil, mas pelo próprio significado da palavra: do latim *professore*, que quer dizer “aquele que professa ou ensina uma ciência, uma arte, uma técnica, uma disciplina” (Ferreira, 1986, p.

1398). Para Floden e Buchmann (apud García, 1999, p. 23 e 24), ser professor “implica lidar com outras pessoas (professores) que trabalham em organizações (escolas), com outras pessoas (alunos) para conseguir que estas pessoas aprendam algo (se eduquem)”.

Nas duas definições, as frases “ensina uma ciência, arte, técnica, disciplina” e “trabalham para que os alunos aprendam algo” ressaltam a ação dos professores que os legitima como tal: a prática docente. As Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional corroboram tal afirmação, uma vez que, de acordo com Cury (2005), a LDBEN “denomina de professores ou de docentes os que, em qualquer composição da educação escolar com seus níveis e etapas, estão em efetivo exercício da docência, como é o caso do ensino presencial em sala de aula” (p. 20; grifo do autor).

Parte significativa dos docentes brasileiros leciona nas áreas rurais. Segundo o INEP (2011), havia 343.193 professores trabalhando em diversos tipos de escolas no campo – escolas municipais, estaduais e federais. Nesse contexto, ganham destaque as escolas vinculadas à política de Educação do Campo, cujas diretrizes orientam:

Art. 13 Os sistemas de ensino, além dos princípios e diretrizes que orientam a Educação Básica no país, observarão, no processo de normatização complementar da formação de professores para o exercício da docência nas escolas do campo, os seguintes componentes:

I - estudos a respeito da diversidade e o efetivo protagonismo das crianças, dos jovens e dos adultos do campo na construção da qualidade social da vida individual e coletiva, da região, do país e do mundo;

II - propostas pedagógicas que valorizem, na organização do ensino, a diversidade cultural e os processos de interação e transformação do campo, a gestão democrática, o acesso ao avanço científico e tecnológico e respectivas contribuições para a melhoria das condições de vida e a fidelidade aos princípios éticos que norteiam a convivência solidária e colaborativa nas sociedades democráticas. (Parecer CNE/CEB n. 36/2001, p. 25)

Art. 7º A Educação do Campo deverá oferecer sempre o indispensável apoio pedagógico aos alunos, incluindo condições infraestruturais adequadas, bem como materiais e livros didáticos, equipamentos, laboratórios, biblioteca e áreas de lazer e desporto, em conformidade com a realidade local e as diversidades dos povos do campo [...].

§ 1º A organização e o funcionamento das escolas do campo respeitarão as diferenças entre as populações atendidas quanto à sua atividade econômica, seu estilo de vida, sua cultura e suas tradições.

§ 2º A admissão e a formação inicial e continuada dos professores e do pessoal de magistério de apoio ao trabalho docente deverão

considerar sempre a formação pedagógica apropriada à Educação do Campo e às oportunidades de atualização e aperfeiçoamento com os profissionais comprometidos com suas especificidades. (Resolução CNE/CEB n. 2, 2008, p. 2)

A prática docente no campo é um desafio, em virtude de uma série de limitantes: influência da urbanização e o anseio por trabalhar em escolas da cidade; dificuldade de acesso à escola; necessidade do trabalho dos alunos na unidade produtiva familiar; e problemas em participar de programas de formação continuada. Por isso, as diretrizes da Educação do Campo podem parecer distantes ao delinearem práticas docentes como dispõe o Art. 13, acima referido, no item II: “propostas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural e os processos de interação e transformação do campo, a gestão democrática, o acesso ao avanço científico e tecnológico e respectivas contribuições para a melhoria das condições de vida...”. Sem contar que orientam uma formação pedagógica apropriada à Educação do Campo.

Não há dúvidas de que se essas diretrizes fossem discutidas e seguidas pelas escolas no campo, teríamos no espaço rural a possibilidade de ter uma organização espacial mais justa em médio e longo prazo, pois, como o próprio significado indica, o professor ensinaria ao aluno a técnica, a ciência e a disciplina de se reproduzir socialmente no campo. Mas será que essa reprodução social depende apenas da relação professor/aluno? Será que todos os professores que lecionam nas escolas rurais possuem uma formação que valoriza o homem do campo? Será que a política da Educação do Campo pauta a atividade docente de todas as escolas do campo?

Para essas perguntas, a resposta provável é não. Assim, com o intuito de comprovar essa hipótese, evidenciamos em uma escala municipal o perfil dos docentes e suas práticas na Escola Agrícola de Rio Claro (SP).

Perfil dos professores da Escola Agrícola de Rio Claro (SP)

Esta seção divide-se em três partes, na exposição do perfil dos professores da escola pesquisada. Na primeira etapa, há uma breve caracterização da Escola Agrícola de Rio Claro. Posteriormente, comparamos os dados dos professores da escola – retirados de um questionário aplicado a

15 docentes em 2011 – com os dados dos professores brasileiros – retirados do INEP.

Na terceira parte, procuramos evidenciar questões mais singulares sobre o professor em relação aos demais funcionários, suas representações sociais e de que maneira essas representações podem influenciar a prática docente na escola analisada, dados que não encontramos em escala nacional. Para isso, aplicamos e analisamos, em 2010, um questionário a 44 integrantes da equipe escolar: 22 docentes e 22 funcionários da Escola Agrícola de Rio Claro, mas com ênfase no professor. Esses questionários tiveram perguntas abertas e respostas amplas. Para a interpretação das respostas, fizemos a sua classificação em tabelas para a análise.

Caracterização da Escola Agrícola de Rio Claro (SP)

A Escola Municipal Agrícola está localizada na porção norte do município de Rio Claro (SP), entre o distrito industrial da cidade e o distrito de Ajapi (Figura 1). Nessa região, encontra-se o maior número de pequenas e médias propriedades rurais do município³ – próximas a uma rodovia de acesso – e, conseqüentemente, são terras valorizadas.

Enquanto grande parte das escolas localizadas no campo brasileiro emerge de ações locais das famílias dos pequenos produtores, como é o caso das Escolas Família Agrícola no Espírito Santo e das Casas Familiares Rurais no Paraná, a escola estudada foi criada pela Lei Municipal n. 2157, em 4/9/1987. O objetivo inicial do município era atender menores carentes da zona rural e de bairros periféricos da cidade, em horário inverso ao escolar, oferecendo aulas práticas de agricultura e aulas de reforço de português e matemática.

Atualmente, a escola atende 320 alunos, do 1º ao 8º ano, em período integral, com aulas do ensino regular, técnicas agrícolas (Agroindústria, Culturas, Criações) e projetos diferenciados (de Linguagem e Letramento, Alfabetização Matemática com jogos dirigidos, Saúde, Sociedade e Meio Ambiente etc.). Dessa quantidade de alunos, 196 são crianças e 124, adolescentes. Na unidade escolar, trabalham 50 funcionários; são oferecidas três refeições diárias, com alimentos produzidos no próprio local (a área tem 15 hectares); e também há cursos e festas para a população do município.

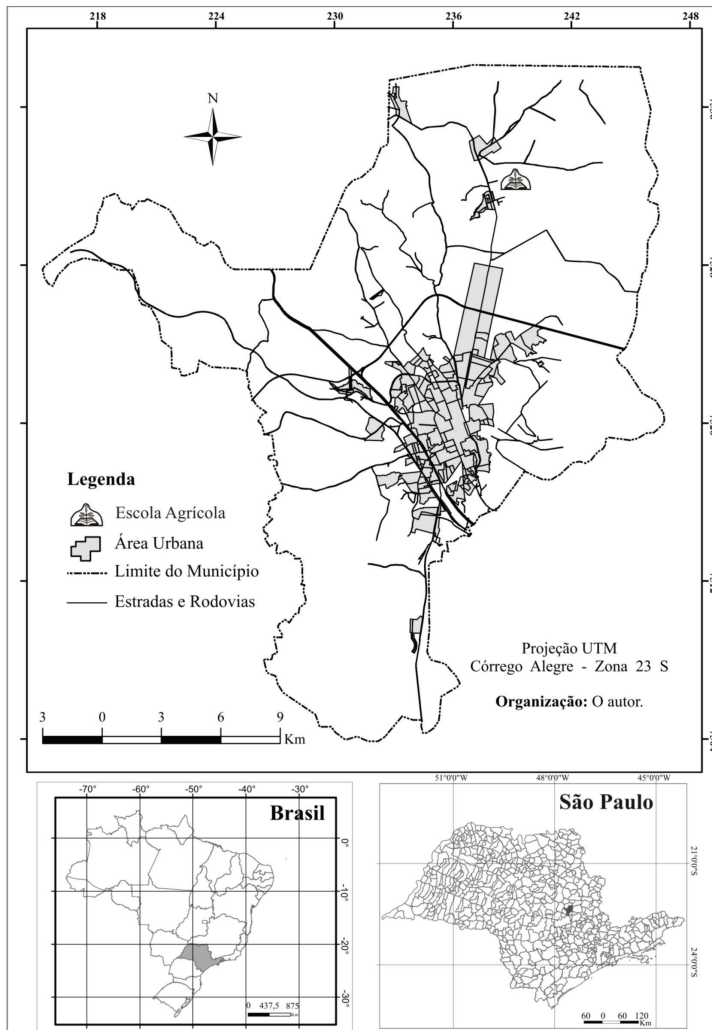


Figura 1 - Localização da Escola Municipal Agrícola de Rio Claro.

Esses atributos contribuem para que a escola seja considerada uma referência no ensino regional, tornando-a muito procurada não apenas pelas famílias do campo, mas também por muitas pessoas da cidade. No entanto, o fato de o aluno residir na zona rural é a prioridade para a sua matrícula na instituição.

Professores da Escola Agrícola de Rio Claro no contexto brasileiro

Primeiramente, é válido ressaltar que, no Brasil, existem 1.762.218 docentes morando nas cidades; 343.193 residem nas zonas rurais (INEP, 2011). A Escola Agrícola de Rio Claro não possui nenhum professor residindo no campo. Claro que a maioria da população brasileira é urbana, mas será que o professor, residindo na cidade, está ciente da realidade do homem do campo? Tentaremos responder à questão ainda mais adiante, ao examinar as práticas docentes.

Na Tabela 1, temos a divisão, em faixa etária, do total de docentes da educação brasileira em relação ao total de professores da escola agrícola pesquisada. Colocando os números absolutos em porcentagens para a comparação, vemos que, em escala nacional, enquanto a faixa etária mais significativa é a de 41 a 50 anos, com 29,4%, na Escola Agrícola de Rio Claro é a faixa etária de 25 a 32 que ganha evidência, com 40% dos professores. Dessa forma, no cenário nacional, notamos um envelhecimento dos educadores, já na escola em análise, há uma maioria de professores jovens.

Tabela 1 - Número de docentes da Educação Básica, por faixa etária, no Brasil e na Escola Agrícola de Rio Claro – 2011.

	Total	Faixa Etária				
		Até 24 anos	De 25 a 32 anos	De 33 a 40 anos	De 41 a 50 anos	Mais de 50 anos
Brasil	2.045.350	104.868	492.111	563.363	601.242	283.766
Escola Agrícola de Rio Claro	15	1	6	4	2	2

Fonte: INEP, 2011. Organização: O autor.

Nas Figuras 2 e 3, temos a porcentagem, por sexo, dos professores brasileiros e professores da escola agrícola. Em ambos os casos, há uma predominância de docentes do sexo feminino, apenas com um aumento de 8% de professores do sexo masculino na média nacional.

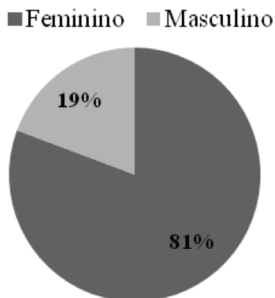


Figura 2 - Porcentagem de docentes na Educação Básica, por sexo, no Brasil, 2011.

Fonte: INEP, 2011. Organização: O autor.

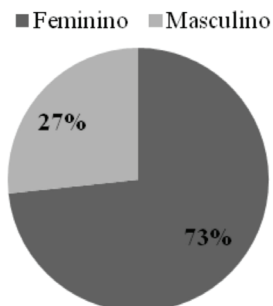


Figura 3 - Porcentagem de docentes, por sexo, da Escola Agrícola de Rio Claro, 2011.

Fonte: INEP, 2011. Organização: O autor.

Quanto ao grau de formação dos docentes, geramos a Tabela 2, com dados da Escola Agrícola, e a Tabela 3 com dados do Brasil. Nesta última, não conseguimos os dados detalhados sobre os tipos de cursos de Pós-Graduação do professor. Esse dado corresponde relativamente a 8,7% do total de professores brasileiros; no entanto, se somarmos o número de docentes graduados com complementação de cursos – especialização, mestrado e doutorado – da Escola Agrícola de Rio Claro, teremos 53,3%. Por meio de alguns indícios, a princípio, podemos atribuir essa discrepância a dois fatores: primeiro, pela proximidade do município de Rio Claro a centros de atualização de formação docente. Segundo, pelo anseio do profissional de complementar a renda com os benefícios salariais desses cursos, pois o custo de vida em regiões mais urbanas, como Rio Claro, é superior ao das demais localidades. Porém, é necessário um aprofundamento da investigação para que possamos sustentar essa hipótese com propriedade.

Tabela 2 - Grau de formação dos professores da Escola Agrícola de Rio Claro, 2011.

Grau de formação	Número de professores
Graduação com Especialização	6
Graduação	4
Magistério	2
Doutorado	1
Mestrado	1
Técnico	1

Organização: O autor.

Tabela 3 - Grau de formação dos professores da Educação Básica no Brasil, 2011.

Grau de formação	Número de professores
Graduação	1.126.064
Técnico	518.665
Magistério	387.583
Graduação com complementação	194.629

Fonte: INEP, 2011. Organização: O autor.

O número de aulas que um professor ministra em uma determinada escola indica sua proximidade com os mesmos alunos, professores e comunidade. Na Tabela 4, observamos que o número máximo de aulas semanais por professor na escola estudada é 25 e corresponde a 13,3%. A maioria dos docentes, 40%, ministra 12 aulas semanais, e 66,7% desses professores não lecionam em outras escolas. Para o cenário nacional, não conseguimos os dados na mesma disposição, porém, segundo o INEP (2011), 39,6% dos professores têm uma carga horária de mais de 25 horas semanais. O dado é impreciso por não esclarecer se essa carga horária é de uma mesma unidade escolar. Também não encontramos dados nacionais recentes sobre o tempo de docência do professor em uma mesma unidade escolar. Já na Escola Agrícola de Rio Claro (conforme Tabela 5), 66,6% dos docentes estão na unidade há menos de quatro anos, e desse total 30% dos professores estão há menos de um ano.

Porém, indicando o total de professores que lecionam em outras escolas (Figuras 4 e 5), verifica-se uma diferença significativa entre os docentes da escola pesquisada e os do restante do Brasil. Em ambos os casos, o predomínio é de professores que trabalham em apenas uma escola, 53% na Escola Agrícola de Rio Claro⁴ e 78% na média nacional. Essa diferença pode ser atribuída ao fato de a escola que estamos analisando ser de período integral, ou seja, as turmas de alunos são as mesmas de manhã e à tarde e, conseqüentemente, o número de aulas é menor do que o das escolas urbanas, pois, na maioria das vezes, elas oferecem aulas de manhã, à tarde e à noite para diferentes turmas. Nesse raciocínio, visto que a Escola Agrícola de Rio Claro não oferece muitas aulas, como a maioria das escolas públicas brasileiras, os professores do município procuram lecionar em outras escolas.

Tabela 4 - Quantidade de aulas semanais ministradas pelos docentes da Escola Agrícola, 2011.

Número de aulas por semana	Número de docentes
25	2
24	3
20	3
16	1
12	6

Organização: O autor.

Tabela 5 - Tempo de docência na Escola Agrícola, 2011.

Tempo de docência por ano	Número de docentes
< 1	3
≥ 1 - 2	3
> 2 - 4	4
> 4 - 7	1
> 7 - 10	2
> 10 - 14	2

Organização: O autor.

■ Lecionam em outras escolas
 ■ Lecionam apenas na Escola Agrícola

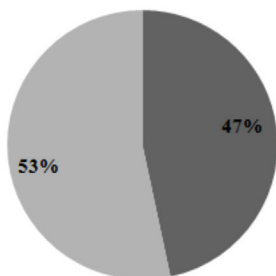


Figura 4 - Porcentagem de professores da Escola Agrícola de Rio Claro que leciona em demais escolas, 2011.

Organização: O autor.

■ Leciona em apenas 1 escola
 ■ Leciona em mais de 1 escola

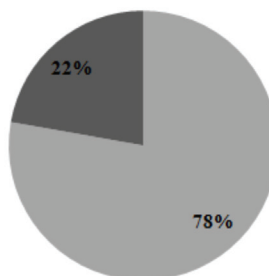


Figura 5 - Porcentagem dos professores brasileiros que leciona em uma ou mais escolas, 2011.

Fonte: INEP, 2011. Organização: O autor.

Ao analisarmos a situação contratual a que o profissional está sujeito, classificamos os professores da Escola Agrícola de Rio Claro em duas classes: concursados e contratados temporariamente. Na Figura 6, verificamos que 27% dos docentes são contratados temporariamente. Em âmbito nacional, encontramos dados do vínculo empregatício dos professores na Sinopse do Censo dos Profissionais do Magistério da Educação Básica de 2003 (INEP, 2006, p. 37), que dispõe os professores concursados em duas categorias: estatutário – categoria prevista em lei municipal, estadual e federal; e celetista – regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Assim, se somarmos os dois tipos de professores concursados, temos aproximadamente 80,3%; já os que prestam serviço temporariamente são 19,3%. Parte do corpo docente da escola examinada ocupava cargo na Secretaria Municipal de Educação de Rio Claro, ou se encontrava em licença no período das entrevistas, o que justifica o maior número de professores contratados temporariamente em relação à média nacional, que leva em conta os professores afastados e em outros cargos.

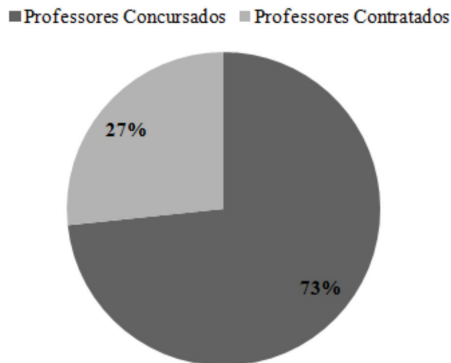


Figura 6 - Representação do número de docentes concursados e contratados temporariamente da Escola Agrícola de Rio Claro, 2011.

Organização: O autor.

Professores da Escola Agrícola de Rio Claro: representações sociais e prática docente

Antes da análise das tabelas, vale ressaltar que a representação social é entendida como o sentido pessoal que o indivíduo elabora sobre a sua realidade, mas que, “embora seja incorporada como visão pessoal da realidade, constrói-se a partir da cultura e de suas determinações econômicas, históricas e sociais” (Salles, 1998, p. 30). Nesse sentido, tentaremos apreender as representações sociais dos professores porque acreditamos que elas indicariam se a cultura e as determinações sócio-históricas do sujeito influenciam as práticas docentes. Essas práticas refletirão na organização espacial do campo no município, uma vez que parte dos alunos é advinda da zona rural. No entanto, deixamos claro que apresentaremos nossa interpretação sobre as representações sociais com base nas respostas do questionário.

Em relação à identidade dos funcionários da escola pesquisada, das 44 respostas distintas, sintetizamos seis grandes respostas que convergiam em algum aspecto. Na Tabela 6, pode-se observar como os professores e os demais funcionários se veem no espaço escolar. A primeira resposta – “profissional comprometido com a educação e com a formação humana” – foi a mais frequente entre os professores, com 31,9%. O que chama a atenção nessa resposta é que o docente se vê com o compromisso de educar e formar a humanidade, dando a impressão de uma escala global e negligência ao local. Em segundo lugar, entre os professores, com 27,3%, está: “profissional em aprendizagem e transformação”, em que se veem com a necessidade de aperfeiçoamento na formação. Esses profissionais chamaram a atenção por reconhecerem que, em uma escola tão específica e com a maioria do alunado residente no campo, precisavam aperfeiçoar as práticas como docentes urbanos.

O grupo de respostas que mais pareceu próximo das questões da escola e do aluno do campo foi o que mostrou que os professores se viram como “parte da família” da escola agrícola, com 13,7% tanto de professores como de funcionários. Quanto aos demais funcionários, a resposta mais frequente, com 45,5%, foi: “sou o que faço na escola”, evidenciando que a identidade na escola tem relação com a função que desempenham. Nenhum professor apresentou alguma resposta parecida, sendo este o ponto de maior divergência entre funcionários e docentes nessa questão.

Tabela 6 - Como o professor e os demais funcionários da Escola Agrícola de Rio Claro se veem no espaço escolar, 2010.

Resposta	Professor	Demais funcionários
Profissional comprometido com a educação e com a formação humana	7	3
Profissional em aprendizagem e transformação	6	2
Educador e articulador de conhecimentos e saberes	3	0
Educador, membro da família da escola agrícola	3	3
Sou o que faço na escola	0	10
Pessoa importante dentro da escola em que trabalha com amor e dedicação	2	4

Organização: O autor.

Em relação ao que a escola representa para o professor e os demais funcionários, na Tabela 7, é exposta a classificação de sete respostas gerais. A mais comum entre os professores, com 31,9%, faz uma relação entre o local de trabalho e a possibilidade de uma vida saudável. Elementos como oferecimento de uma refeição boa e balanceada, ar puro, natureza, plantar e colher, cuidar dos animais etc. foram citados inclusive pelos funcionários que escolheram essa resposta. No entanto, não chamaram a atenção para o fato de a escola no campo poder representar uma instituição comprometida com as populações rurais. A resposta mais próxima dessa questão foi: “além de trabalho, um ideal a ser alcançado”, em que encontramos elementos como: educar alunos residentes no campo e esperança de uma sociedade mais justa. Porém, apenas 13,6% dos docentes enxergam a escola dessa maneira.

A segunda resposta mais escolhida entre os professores, com 27,3%, foi: “lugar diferenciado que possibilita a aprendizagem”, em que também ressaltaram os atributos de ser uma escola no campo, e que por isso existe a possibilidade de aprendizado de uma nova realidade. Curiosamente, essa foi a única resposta em que não há ligação da escola com o trabalho docente. Especificamente em relação aos funcionários, foram os únicos que viam a escola como um trabalho ingrato. Mas a maioria deles, com 45,5% das respostas, compreendem a escola simplesmente como trabalho.

Tabela 7 - O que a Escola Agrícola de Rio Claro representa para o professor e para os demais funcionários, 2010.

Resposta	Professor	Demais funcionários
Local de trabalho e vida saudável	7	3
Lugar diferenciado que possibilita a aprendizagem	6	3
Local de realização profissional	4	2
Além de trabalho, um ideal a ser alcançado	3	1
Espaço escolhido para trabalhar	1	1
Trabalho	0	10
Trabalho ingrato	0	2

Organização: O autor.

Quando tratamos da questão referente ao tipo de escola que os professores e os demais funcionários desejavam, obtivemos as 44 respostas distintas, as quais, para facilitar a análise, categorizamos em quatro tópicos (Tabela 8). Contudo, algumas respostas – duas de docentes e três de outros funcionários – foram excluídas por serem muito discrepantes das demais. Quanto às respostas dos docentes, tivemos duas mais frequentes, com 36,4% cada: “uma escola reconhecida como centro de excelência” e “uma escola que forme alunos críticos”. A primeira também foi maioria entre os demais funcionários, com 59,1% das respostas, indicando o desejo de a escola ser um destaque entre as escolas da região. Muitas comparações com outras escolas foram feitas, assim como o levantamento de potencialidades da escola que poderiam ser estimuladas. Acreditamos que este grupo de funcionários esteja interessado em trabalhar em uma escola que confira um bom *status* social.

A segunda resposta indica que os professores desejam uma escola responsável pela formação crítica dos seus discentes, entendida como propiciadora de condições para o aluno interpretar o mundo em que vive e ser um cidadão consciente. Essa foi a única resposta centrada no aluno. A resposta mais centrada no próprio professor, com 9%, foi: “uma escola que atenda aos interesses dos alunos e dos funcionários”, em que descreviam benefícios para alunos e professores, porém com ênfase no professor. Também com 9% das respostas, tanto os docentes como os outros funcionários demonstraram preocupação com as demandas da comunidade rural.

Tabela 8 - Tipo de escola desejada por funcionários e docentes da Escola Agrícola de Rio Claro, 2010.

Resposta	Professor	Demais funcionários
Uma escola reconhecida como centro de excelência	8	13
Uma escola que forme alunos críticos	8	1
Uma escola que atenda aos interesses dos alunos e dos funcionários	2	3
Uma escola que atenda às demandas da comunidade rural	2	2

Organização: O autor.

Na comparação dos dados alusivos à preferência de aulas e projetos dos docentes, apresentamos as Tabelas 9 e 10. Na primeira delas, os professores e demais funcionários poderiam optar por dois projetos que achavam que deveriam estar presentes, ou, se já existiam, deveriam dar sugestões de outros projetos que poderiam ser desenvolvidos. A maioria dos professores, com 40,9% das respostas, acha que deveria haver mais aulas na área agrícola; e 31,8% deles consideram mais importantes os projetos de educação ambiental. Essas duas respostas são coerentes se levarmos em consideração que se trata de uma escola agrícola localizada no campo, onde os aspectos ambientais ficam fáceis de ser evidenciados. Outro projeto que ganha relevância, segundo os docentes (22,8%), é o de informática, justificando a necessidade de conhecimentos tecnológicos no presente.

Já os demais funcionários não se preocuparam com tais questões; para eles, são essenciais: projetos de expressão corporal e dança; arte e cultura; modalidades esportivas – cada um deles com 36,3% das respostas. Porém, ao compararmos esses dados com os da Tabela 10, identificamos uma incoerência, pois mesmo não ressaltando a importância de projetos em áreas agrícolas, 50% dos funcionários os consideram insuficientes. Os professores também apresentaram a mesma contradição, mas em uma escala menor. No entanto, chama a atenção o fato de que 18,2% dos professores são indiferentes às aulas de campo e agricultura, e 22,7% não possuem uma opinião em relação aos projetos que deveriam ser desenvolvidos na escola. Esses números são respectivamente iguais e menores que os apresentados pelos demais funcionários.

Tabela 9 - Preferência de projetos a serem implementados na Escola Agrícola de Rio Claro segundo seus funcionários e professores, 2010.

Resposta	Professor	Demais funcionários
Área agrícola/campo	9	2
Educação ambiental	7	1
Informática	5	6
Expressão corporal e dança	4	8
Leitura	3	0
Música	2	4
Arte e cultura	2	8
Modalidades esportivas	2	8
Valores e ética	2	1
Marcenaria	1	0
Sem opinião	5	4

Organização: O autor.

Tabela 10 - O que os funcionários e docentes da Escola Agrícola de Rio Claro acham sobre a quantidade de aulas de campo/agricultura dos alunos, 2010.

Resposta	Professor	Demais funcionários
Insuficiente	12	11
Suficiente	6	7
Indiferente	4	4

Organização: O autor.

Quanto à opinião dos funcionários sobre o que a escola representa para a comunidade, classificamos três respostas gerais, apresentadas na Tabela 11. Ganha destaque, tanto dos professores como dos demais funcionários – respectivamente 54,5% e 50% –, a resposta “ensino/educação formal de qualidade”. Embora seja a resposta mais frequente, foi a mais simplificadora, já que os entrevistados não justificaram suas respostas.

A segunda resposta foi a que mais chamou a atenção por apresentar uma concepção mais homogênea do que a escola representa para a comunidade: “para o aluno, um local desinteressante; para os pais um lugar ideal (ensinamentos agrícolas e período integral)”. Tanto os professores – com 27,3% das respostas – quanto os demais funcionários – com 31,8% – des-

tacaram que a escola e os conteúdos disciplinares não eram interessantes, especialmente para os alunos que se interessavam pelas coisas da cidade. Na perspectiva dos pais, a escola é uma alternativa para deixarem os filhos enquanto trabalham, pois funciona em período integral. Esse fato deixa o professor em uma situação desconfortável, pois os alunos ficam dispersos e os pais não se empenham em acompanhar a vida escolar dos filhos.

Em terceiro lugar, com 18,2% das respostas, tanto dos professores como dos outros funcionários, está a relevância da unidade escolar para os residentes da zona rural. Nessa categoria, encontramos respostas que apresentavam elementos como: capacitação técnica para agregar valor à renda familiar; conscientização de produzir no campo e ao mesmo tempo salientar a sustentabilidade; oferta de uma educação que extrapole a dicotomia rural/urbano etc. Surpreendeu-nos o fato de essa resposta ser a menos frequente em uma escola agrícola localizada no campo e que tem como preferência os alunos residentes na zona rural.

Tabela 11 - O que a Escola Agrícola de Rio Claro representa para a comunidade segundo os docentes e demais funcionários, 2010.

Resposta	Professor	Demais funcionários
Ensino/educação formal de qualidade	12	11
Para o aluno, um local desinteressante; para os pais um lugar ideal (ensinamentos agrícolas e período integral)	6	7
Uma oportunidade para a comunidade local/rural	4	4

Organização: O autor.

Considerações finais

Ao compararmos os docentes da Escola Agrícola de Rio Claro com os do contexto brasileiro, concluímos que eles são residentes da cidade; predominantemente jovens; majoritariamente mulheres; têm relativamente maior complementação de cursos na formação; são trabalhadores de poucas horas semanais na unidade escolar; a maioria tem menos de cinco anos de docência na escola; são professores em outros lugares, com frequência superior à média do país; representam relativamente as mesmas taxas brasileiras de concursados e contratados temporariamente.

Ao tentarmos capturar as representações sociais e as práticas docentes desses mesmos professores, concluímos que são variadas, chamando a atenção certo distanciamento em relação às diretrizes da Educação do Campo, o que torna difícil a execução de “propostas pedagógicas que valorizem [...] a diversidade cultural e os processos de interação e transformação do campo” (Parecer CNE/CEB n. 36/2001, p. 25); o respeito “às diferenças entre as populações atendidas quanto à sua atividade econômica, seu estilo de vida, sua cultura e suas tradições”; e, por fim, o “apoio pedagógico aos alunos [...] em conformidade com a realidade local e as diversidades dos povos do campo” (Resolução CNE/CEB n. 2, 2008, p. 2).

No entanto, não podemos ser inocentes e acreditar que todos os alunos, e seus responsáveis, possuem os mesmos interesses em relação à Educação do Campo. Mas cabe ressaltar que o professor tem um papel fundamental nas representações sociais de seus alunos, relativamente ao campo e à cidade, pois estas se dão na perspectiva individual do discente, com suas vivências, mas também na perspectiva social, pelas significações, e nesse sentido o professor ganha relevância. Porém, como vimos, grande parte do corpo docente enxerga a escola como um local de trabalho em um lugar diferenciado, e não como uma instituição comprometida com o homem do campo. O grupo deseja uma escola agrícola que seja reconhecida como um centro de excelência e que forme alunos críticos, mas que dispensa o fortalecimento do entendimento do campo e suas relações. Na opinião dos próprios professores, a escola representa, para a comunidade, apenas um local de ensino de qualidade.

Ao fazer o prognóstico da organização espacial do campo de Rio Claro, com base nas práticas docentes – impulsionadas pelas representações sociais dos professores – que a Escola Agrícola municipal oferece, possivelmente teremos uma intensificação da monocultura, o uso das unidades produtivas como chácaras de veraneio e o movimento pendular de trabalho, pois constatamos uma desvalorização do homem do campo nas representações da maioria dos docentes. Talvez uma possível solução para esse quadro seja a execução da diretriz da Educação Básica do Campo: “a admissão e a formação inicial e continuada dos professores [...] deverão considerar sempre a formação pedagógica apropriada à Educação do Campo” (Resolução CNE/CEB n. 2, 2008, p. 2). Mas outra questão nos incomoda: será que o Estado de São Paulo, e seus municípios mais urbanizados, aspiram a uma organização espacial que valorize as populações rurais?

Notas

1. Pesquisa realizada com o auxílio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes, 2010-2012).
2. A compreensão dos fenômenos naturais também serve ao homem para a reprodução da sociedade.
3. Como constata a pesquisa coordenada pela Profa. Dra. Darlene Aparecida de Oliveira Ferreira *Caracterização do potencial das propriedades rurais familiares em Rio Claro (SP) para a multifuncionalidade*, junto ao CNPq, entre 2010 e 2012.
4. Constata-se uma incoerência com os dados da Tabela 4, resultado da própria resposta dos professores.

Referências

BRASIL. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica (CNE/CEB). Parecer n. 36/2001. *Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo*. Brasília, DF, 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/EducCampo01.pdf>>. Acesso em: 29 maio 2012.

_____. Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica (CNE/CEB). Resolução n. 2, de 28 de abril de 2008. *Estabelece diretrizes complementares, normas e princípios para o desenvolvimento de políticas públicas de atendimento da Educação Básica do Campo*. Brasília, DF, 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2008/rceb002_08.pdf>. Acesso em: 29 maio 2012.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Região e organização espacial*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. Organização do espaço: dimensões, processo, forma e significados. *Geografia*, v. 36, p. 7-16, 2011.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Formação docente e a educação nacional*. Brasil: Ministério da Educação e Cultura, 2005. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: 23 maio 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GARCÍA, Carlos Marcelo. *Formação de Professores: para uma mudança educativa*. Porto: Porto Editora, 1999.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Um lugar para a Geografia: contra o simples, o banal e o doutrinário. In: MENDONÇA, Francisco de Assis; LOWEN-SAHR, Cicilian Luiza; SILVA, Márcia da (Orgs.). *Espaço e tempo: complexidade e desafios do pensar e do fazer geográfico*. Curitiba: ADEMADAN, 2009. p. 13-30.

INEP. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Sinopse do Censo dos Profissionais do Magistério da Educação Básica: 2003*. Brasília: INEP/MEC, 2006.

_____. *Censo da Educação Básica*. Brasília: INEP, 2011. Disponível em: < <http://portal.inep.gov.br/basica-censo-escolar-sinopse-sinopse>>. Acesso em: 19 jun. 2012.

SALLES, Leila Maria Ferreira. *Adolescência, escola e cotidiano: contradições entre o genérico e o particular*. Piracicaba: Ed. Unimep, 1998.

SILVA, Lourdes Helena; MORAIS, Teresinha Cristiane de; BOF, Alvana Maria. A educação no meio rural do Brasil: revisão de literatura. In: BOF, Alvana Maria (Org.). *A educação no Brasil rural*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, INEP, 2006. p. 68-137.

Silas Nogueira de Melo - Licenciado e Bacharel em Geografia pela Universidade Estadual Paulista, Mestre em Geografia pela mesma instituição, Doutorando em Geografia na Universidade Estadual de Campinas.

Recebido para publicação em 21 de abril de 2014

Aceito para publicação em 5 de junho de 2014